

43º Encontro Anual da Anpocs

ST 22 – Mídia e Política

**Marcas do Populismo no Brasil de Lula e Dilma: a construção do
imaginário popular**

Sandra Regina Barbosa Parzianello

Marcas do Populismo no Brasil de Lula e Dilma: a construção do imaginário popular

Sandra Regina Barbosa Parzianello¹

Palavras-chave: Mídia; Populismo; Política; Discurso; Imaginário.

Introdução

O fenômeno populismo é tomado por muitos teóricos como um dos principais chavões políticos do século XXI. O termo logo estigmatiza e já descreveu partidos políticos desafiantes da direita na Europa, candidatos à presidência da direita e da esquerda nos Estados Unidos e presidenciáveis da esquerda nos países Latino-americanos. Ao longo da história, muitos sujeitos se sustentaram politicamente, baseados na popularidade entre o povo, em desprestígio das elites dominantes. Esses sujeitos da política foram classicamente rotulados como populistas, por traços constitutivos que serviram para caracterizá-los junto aos movimentos que ocorreram pelo mundo.

Mas afinal, o que é populismo e de que forma ele contribui com a sociedade e ao cenário político brasileiro? Em que medida o populismo na contemporaneidade pode favorecer ao debate político e no fortalecimento da democracia? Para começarmos esse debate teórico lançamos essas questões a fim de conduzir este artigo e nossa reflexão na intenção de interpretar a política e a construção desse imaginário, que se articulam em torno de alguns fenômenos de nosso tempo. De modo geral, os sujeitos apostam em algumas articulações discursivas, assim como na construção de novas formas de relações sociais, que possibilitam momentos de esperança e um universo de mudanças contingentes, mesmo em meio a precariedade política, imersa pela fragilidade das instituições e do próprio discurso político.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (PPGCPol/UFPel); bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail: sandrapar@yahoo.com. Linha de pesquisa: Teoria Política Contemporânea. Orientanda do Prof. Dr. Daniel de Mendonça (PPGCPol/UFPel). E-mail: ddmendonca@gmail.com.

A importância dos estudos e da análise se divide em eixos que implicam investigações no âmbito teórico e empírico. Neste trânsito, buscamos uma abordagem entre a teoria da comunicação, teoria política e suas articulações com a filosofia política, que guiam o trabalho analítico e permitem reunir temáticas como a democracia, o discurso e o populismo. Observa-se que nosso esforço, enquanto pesquisadores, se projeta em diferentes perspectivas sobre o político e a política, assim como por possíveis encontros e cruzamentos.

Cabe destacar que as escolas do discurso, trazem sustentação às abordagens, o que esboça o pensamento de um constructo teórico discursivo que envolve desde o estruturalismo clássico de Ferdinand de Saussure (2006) e Eni Orlandi (2001), com o objetivo de buscar os fundamentos escondidos, uma lógica de origem, passando pela ponte epistêmica do pós-fundacionalismo, até chegar no pensamento pós-estruturalista com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2013; 2015), o que permite emergir algo novo, pois a única necessidade é a contingência.

Apesar de se falar muito sobre a pesquisa transdisciplinar, poucas vezes vimos mobilizar discursivamente, um diálogo que avance algumas resistências teóricas, em que áreas acadêmicas específicas como da Comunicação, Ciência Política e da própria Linguística, se permitam ao debate. Essas possibilidades e aproximações entre as categorias como o discurso e o próprio fenômeno do populismo, deverão facilitar a compreensão da proposta democrática e sua construção no imaginário popular.

Populistas: eles são diferentes

A América Latina constituiu um populismo pelo seu próprio leito natural e ao mesmo tempo reformulado, ao se sustentar sob um eixo diferente do que até então os Estados Unidos e a Europa articulavam, a partir de governos capitalistas e imperialistas. Superar a condição de subdesenvolvimento, sempre foi e é uma ambição dos países da América Latina, mesmo que o caminho fosse tortuoso e pelas vias do fenômeno populista. Visto como um mal necessário, esse fenômeno emergiu devido a impossibilidade de o liberalismo alavancar uma política que

desse amparo ao movimento trabalhista, historicamente organizado, a exemplo das organizações europeias e nos EUA, pelo movimento dos pequenos proprietários e das pessoas simples, contra o alto escalão da política norte-americana².

Na América Latina, se tomarmos os dois maiores populistas da história, Juan Domingo Perón (1895 – 1974), na Argentina e Getúlio Dornelles Vargas (1882 – 1954), no Brasil, veremos que ambos formaram suas próprias estruturas governamentais, legitimadas pelo voto. O peronismo (1946) e o getulismo (1951), foram semelhantes mesmo em suas diferenças, pois, chegaram ao poder a partir dos regimes militares, cada um com uma carga característica dos seus países de origem devido os períodos das ditaduras, as quais souberam corroer a fim de criar ao seu modo, um modelo democrático. Segundo o cientista político, Francisco Weffort (2003), é possível afirmar que o populismo é um produto da Revolução de 1930, resultado de um processo de transformação da sociedade brasileira e que se manifesta tanto por um estilo de governo, como pela política de massas³.

Perón e Vargas articularam um populismo de modo a criar um novo modelo em que se deu o poder, onde um líder interpela a sociedade e cria sujeitos coletivos, a partir das próprias formações discursivas. Em alguma proporção, ocorre a abertura do sistema político, com a incorporação discursiva da categoria trabalhadores, pelo próprio sistema político da Argentina e do Brasil. Esses dois casos paradigmáticos, ocorridos na Argentina e no Brasil, saem das ditaduras para o populismo e se articulam entre espectros da direita e da esquerda em torno de elementos populares e democráticos. Perón e Vargas, ambos militares, Vargas até então um ditador de direita, passam a ser identificados por uma articulação discursiva enquanto líderes de um povo que os incorpora ao status de cidadãos, sob protestos e desprezo dos oponentes e pela imprensa crítica, já que a massa

² Em tempo, as definições do populismo, também passam pela experiência Russa, no século XIX, mas, há um rompimento com o pós-guerra.

³ Trabalhadores rurais, camponeses, migram para a zona urbana e são incorporados ao processo industrial pelo trabalho formal, assim como informal, devido às políticas adotadas pelo Estado, em regime de incorporação tutelada que, por sua vez, não convivem bem com a autonomia dos setores emergentes paralelo ao movimento em que se projetava um grande líder.

ocupava um espaço social contrário ao poder capitalista estrangeiro e contra as elites.

Não há como negar, historicamente, o valor do primeiro populista latino-americano, Juan Domingo Perón. Sua estratégia e incorporação pelo Estado, dos “cabecitas negras”⁴, à sociedade fez nivelar os direitos dos argentinos em uma importante proporção, promovendo um nível menor a desigualdade, assim como o acesso a bens culturais, à educação e contra a oligarquia argentina, contra a tradição desigual instaurada.

No Brasil, Vargas pregava discursivamente, um populismo inclusivo, mas sua política tinha uma herança coronelista, conservadora e oligárquica. Seu governo passou longe de um modelo participativo, clientelista, com direitos a expressão individual ou das organizações, mas, se articulou de modo a manutenção do poder e por vias populares, ainda que restritivas, conforme se deu o limitado alcance da legislação trabalhista. Segundo Weffort (2003), esse período democrático, de reconhecida fragilidade, se sustentou muito mais nas pressões das massas populares urbanas que recém-ingressavam no cenário político, do que em qualquer suposto entusiasmo da burguesia pelas formas democráticas.

Não nos cabe subestimá-los ou idolatrá-los, mas, recordar esses “Dois Príncipes”⁵ latino-americanos, Perón e Vargas, que salva às proporções, se tornaram mitos da história, ídolos à um imaginário coletivo e fenômenos do populismo. Perón e Vargas, induziram discursivamente trabalhadores para a vida urbana e industrial, porém, para outros setores as estratégias precisaram abstrair aspectos que fizeram esses líderes diferentes em sua atuação, como com a classe dos intelectuais. No Brasil, os intelectuais em boa proporção, dependiam do Estado e dos empregos públicos e assim foram envolvidos por Getúlio Vargas. Já na Argentina, as relações entre o governo e os intelectuais davam um tom de tensão, pois, havia um mercado editorial maior e, portanto, a classe dependia menos do Estado.

⁴ Termo depreciativo, usado pelas classes média e alta na Argentina, em referência à população com pele e cabelos escuros da classe trabalhadora.

⁵ Numa referência a obra de Alejandro José Groppo, “Los dos Príncipes: Juan D. Perón y Getulio Vargas: Un estudio comparado del populismo latinoamericano”.

No Brasil, ao longo da história muitos governantes foram chamados, equivocadamente, de populistas, a exemplo de Juscelino Kubitschek, com o discurso e slogan dos “*cinquenta anos em cinco*”, pregando a ilusão de que o projeto para o país dar certo passava pelo crescimento acelerado da economia e da indústria; Jânio Quadros, populista por um estilo displicente, pregou na campanha eleitoral a ideia de “*varrer*” a corrupção do Brasil e distribuiu vassourinhas como material eleitoral. Já durante o governo, a popularidade recaiu sobre seu vice, João Belchior Marques Goulart (1918 – 1976). Reconhecido popularmente por Jango, chega à presidência graças a ilusão e a renúncia de Jânio Quadros. O então presidente, ameaçou renunciar, desejava mostrar popularidade e por consequência poder, contando com a comoção do povo, que nada fez e o Congresso Nacional aceitou sua renúncia. Jango precisou enfrentar os ministros militares da época, contrários ao seu governo, e toma posse após um movimento organizado por Leonel de Moura Brizola, governador do estado do Rio Grande do Sul, que mobilizou o povo a partir da Campanha da Legalidade⁶ e por consequência muitos outros políticos e estados do Brasil. Jango assume, pelo sistema parlamentarista.

Recordando Nicolau Maquiavel (1469 – 1527), a história, mestra da vida, é cíclica e, portanto, se repete, daí a importância em conhecê-la para repetir o que é bom e evitar o que é ruim⁷. Desta forma, tomamos esse aprendizado também para a compreensão dos fatos históricos e políticos, assim como em relação ao fenômeno populismo, que se mostra ao longo do tempo, como um termo de difícil definição, devido sua própria ambiguidade que flutua entre a definição e a confusão. Atualmente, populismo associa-se a ideia de um estilo de política econômica, nem sempre atento às limitações fiscais e voltado essencialmente aos benefícios sociais. Também, carrega um sentido pesado devido os movimentos característicos das antigas democracias e de perfil autoritário, sinônimo de anti-

⁶ Em defesa da ordem jurídica, que previa a posse do vice-presidente, devido a renúncia do então Presidente Jânio Quadros. Na época militares, alguns parlamentares e setores da sociedade queriam impedir a posse de Jango e convocar novas eleições. Brizola, durante 14 dias, mobilizou a população, através de cem emissoras de rádio em cadeia, o governador gaúcho clamava para que o povo fosse às ruas em defesa da legalidade.

⁷ Uma das categorias essenciais para ler a obra “O Príncipe” e compreender como é a política, verdadeiramente.

pluralismo, que nega a diversidade de opiniões e faz uso de um discurso antielitista e aos poderes estabelecidos. De modo geral, tratam-se de visões reducionistas, pelo menos se observarmos os discursos e a política no século XXI.

Não por acaso, o Dicionário Cambridge elegeu em 2017, o *populismo*⁸ como a palavra do ano. O termo que toma evidência ainda no século XIX, na contemporaneidade nos permite descrever uma gama de instituições partidárias desde o esquerdismo como o *Podemos* (Espanha), ao direitismo, como por exemplo o *Alternativa* (Alemanha), bem como fenômenos da política entre os quais, Donald Trump⁹ nos Estados Unidos, os Kirchner¹⁰ na Argentina e Lula¹¹ no Brasil.

Nota-se, reconhecemos os fenômenos, mas, de diversas maneiras, assim como são diversas as definições. Porém, para pensarmos o hoje, consideramos algumas características como a divisão da sociedade, em discursos e grupos antagônicos, de um lado, o povo e de outro, o inimigo, geralmente uma elite econômica ou um governo que a grosso modo, é estranho e distante da vida real das pessoas. Criticados em seus discursos, muitos líderes apresentam soluções simplistas aos problemas complexos e profundos da sociedade. Na prática, procuram articular discursos e metáforas, meramente retórica, que dependem em menor medida de um poder explicativo para convencer que é possível a mudança,

⁸ Definição: "Idéias e atividades políticas destinadas a obter o apoio de pessoas comuns, dando-lhes o que desejam". (Tradução da autora). CAMBRIDGE. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/populism>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

⁹ Conforme Federico Finchelstein, professor da New School for Social Research e estudioso de temas latino-americanos, como o populismo, Trump é sinônimo de preocupação devido o surgimento de "um novo populismo que combina neoliberalismo com relíquias fascistas". "Não é uma torção ou um círculo completo, mas enquanto a história do populismo, por esquerda ou direita, sempre foi a ideia de reformular a democracia em termos autoritários sem retornar à tradição fascista, esses novos populistas tentam explícito voltar aos elementos centrais da tradição fascista: racismo, violência política e, em casos como Bolsonaro e Trump, elogios teóricos da ditadura". Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/cultura/1561664077_032428.html. Acesso em: 21 de agosto, 2019.

¹⁰ Néstor e Cristina Kirchner, presidentes da Argentina por três mandatos (2003 – 2015), representam o fenômeno do Kirchnerismo, enquanto herdeiros do legado peronista.

¹¹ Luiz Inácio Lula da Silva, presidente eleito e reeleito no Brasil (2003 – 2011), representa o fenômeno do Lulismo, um legado que elegeu e reelegeu sua sucessora, Dilma Vana Rousseff (2011 – 2016), último mandato interrompido por sofrer processo de *Impeachment* (2016).

pois, o povo está sempre mergulhado na esperança e na possibilidade de uma vida melhor.

Em detrimento do sentido pejorativo dado ao populismo que o teórico argentino, radicado na Inglaterra, Ernesto Laclau (1935-2014), construiu o seu legado. Sobretudo, pela teoria política, tornou a noção de discurso uma forma de articulação na contemporaneidade fundamentada pela Escola Pós-Estruturalista de Análise do Discurso de Essex, na Inglaterra (1982) e estabeleceu noções notoriamente fundadoras de uma perspectiva diferenciada em torno do que seja possível entender-se por “populismo”.

Ernesto Laclau (2013), toma algumas categorias como fundamentais para pensar nessas articulações do político e da política, na contemporaneidade, como o próprio discurso¹², os significantes vazios¹³ e a retórica¹⁴. Segundo Laclau, o elemento *afeto* é central para que se dê o fenômeno do populismo¹⁵, pois, é elemento de identificação o que motiva a seguir uma determinada liderança, ou não. Mais uma vez, há uma tendência ao diferente, devido às gradações e construções discursivas que tomam origem a partir das demandas¹⁶ que já emergem de uma massa pré-disposta a reivindicar algo. Por essa identificação político partidária por exemplo, e através de possíveis formações discursivas, é que se agrupam seus admiradores, sejam por símbolos, discursos linguísticos e mesmo extralinguísticos, ainda que nunca representem o real, já que a política se faz justamente pela busca infinita de sentidos e significados, que passam a povoar o imaginário de um povo.

Na busca de elucidar possíveis nuances sobre o populismo nos desafiamos e nos instrumentalizamos teoricamente, ao mesmo tempo que procuramos

¹² (...) quaisquer conjuntos de elementos nos quais as *relações* desempenham o papel constitutivo. (LACLAU, 2013, p. 116).

¹³ (...) um objeto impossível, a identidade hegemônica torna-se algo da ordem de um significante *vazio*, sendo que sua própria particularidade encarna uma completude inalcançável. (LACLAU, 2013, p. 120).

¹⁴ (...) a metáfora e a metonímia, mas que exerce uma função ontológica diferente. (LACLAU), 2013, p. 122).

¹⁵ Para Laclau, “populismo é uma lógica própria de construção da política, e não, como já se afirmou tantas vezes, um tipo de ideologia, de anomalia ou mesmo de subdesenvolvimento irracional da democracia representativa.” (2013, p. 11).

¹⁶ Para Ernesto Laclau, o conceito de demanda, pode ser ambíguo: “pode significar uma solicitação, mas também pode significar uma exigência, por exemplo “exigir uma explicação”. (2013, p. 123)

identificar as marcas discursivas dos políticos de nosso tempo, na intenção de abordar um fenômeno tão expressivo e indefinido como o populismo. Em 2002, o Brasil elegeu Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), para Presidente da República. Naquele momento, o povo elegia um clássico líder populista. Lula carregava retoricamente, elementos que ganham espaço na prática e significado pelo povo, por se tratar de um retirante nordestino, pobre e que firmava uma identidade de trabalhador, ao tempo que tomava para si essa identidade enquanto sindicalista, com a autonomia de um líder nato, que influenciava os movimentos sociais, naquela contingência. “Convém lembrar que Lula é o primeiro presidente da República que sofreu a experiência da miséria, o que não é irrelevante, dada a sensibilidade que demonstrou, uma vez na Presidência, para a realidade dos miseráveis.” (SINGER, 2012, p. 70).

Não defendemos que o populismo é bom ou ruim, nem que seja antidemocrático ou antipluralista, porém, temos a certeza que não devemos menospreza-lo. Portanto, Lula ou, o fenômeno do lulismo, não deve ser menosprezado, mesmo pelos seus inimigos, afinal, ele representa a figura de um líder que provou, historicamente, sua capacidade de crescimento e de permanente posição de um fenômeno. Seu maior capital político está no próprio fortalecimento de seu nome, que cresceu além de sua instituição político partidária, o Partido dos Trabalhadores (PT).

O nome, uma vez que se tornou o significante daquilo que é heterogêneo e excessivo numa determinada sociedade, exercerá uma irresistível atração sobre *qualquer* demanda vivida como algo insatisfeito e, como tal como algo excessivo e heterogêneo ante a estrutura simbólica existente. (LACLAU, 2013, p.170).

Em um país tomado de incertezas políticas, devido a precariedade do período, escândalos de corrupção e a falta de credibilidade nas instituições, o nome Lula, ainda representava alguma garantia, através dos programas sociais, expansão do ensino superior e na memória, o sentimento de que os liberais até então, pouco haviam oferecido para a maioria da população. Lula operou discursivamente, sob a categoria dos trabalhadores e dos pobres, o que gerou uma posição genérica, de identificação com o “Real do Lula” e compreensão da

mensagem: “a de que pela primeira vez o Estado brasileiro olha para eles, os deserdados, e, portanto, se popularizou. O nome Lula, povoou o imaginário das massas ressignificando sentidos pela comoção e sempre apostando na mudança e esperança de um país melhor, afinal “nunca na história deste país...”, se construiu um líder, ou um nome com tamanha habilidade, a ponto de articular e receber votos da direita e da esquerda. ” Para a esquerda, isso impõe a tarefa de redefinir o discurso à sombra de uma liderança popular no sentido pleno da palavra e ter que se defrontar com o retorno de imagens que marcaram a Era Vargas.” (SINGER, 2012, p. 81).

Na medida que, os problemas e os temas flutuam, Lula se adapta e discursa a partir da posição dos sujeitos políticos, numa guerra de posições que giram em torno da ideia do “*nós contra eles*”, momento em que as relações antagônicas alteram contextos e sentidos em determinado momento em que suas lutas políticas são articuladas. Portanto, Lula por ser *pobre*, se identificar como povo e “encarnar” como tal, se torna uma formação discursiva. Em Lula, reside a diferença de um populista atípico, pois, sua política econômica seguiu um perfil liberal e, ainda assim, ele se sustenta discursivamente, a partir de elementos do populismo.

Ao tomar essa perspectiva do campo do social observamos um jogo, sob a dimensão da luta ou da guerra de posição política, sentido originalmente dado por Antônio Gramsci (1988), a fim de estabelecer um espaço e um lugar de fala. Diversos projetos políticos tentam articular em torno de si o maior número de demandas (e respectivos “apoios” e “aliados”); (LACLAU, 2013). Portanto, um discurso é o resultado de uma articulação, em um dado momento e contingência em que identidades, mesmo entre diferentes, reivindicam em torno de uma demanda hegemônica. Veremos que, o sentido de demanda é ambíguo, visto que, elas podem exercer um sentido de “solicitação” ou de “reivindicação”. “Um discurso é representativo de uma série de demandas particulares.” (FERREIRA, 2011, p. 14).

A crise do *Mensalão*, é que culminou no discurso do “*nós contra eles*”, uma ideia que tomou a pauta da mídia e desencadeou uma onda de ataques contra o

governo petista. Lula, mesmo nos discursos inflados, é um político que joga o jogo do modelo democrático que sustentamos, jogou alto nos pleitos eleitorais e cria sentidos antagônicos, principalmente se subestimado. Seu discurso é divisível, sabe usar e adorar o papel que lhe foi atribuído ao longo do tempo, ao explorar discursos que vão do ódio, ao preconceito contra o pobre e o nordestino. Dessa forma, o lulismo foi e, ainda é, um meio para diferentes expressões da democracia popular. A sua força é indiscutível, estabelecendo, naturalmente e sempre, um inimigo para as urnas em clima de polarização política, em que os cidadãos são convocados a confiar em um sujeito político ou em outro.

Quando Lula declarou sua sucessora à presidência da República, Dilma Rousseff, esta jogou pesado ao longo da campanha e provocou um discurso sobre a divisão do país. Essa sucessão muito se deu pelo apelo, o uso equivocado e demagógico do próprio sentido de lulismo, o que permitiu frustração e confusão devido interpretações apressadas. Especialistas em política, rotularam e ainda desenvolvem essa prática, ao ignorar que o populismo e sua real singularidade, pode se constituir em um sentido democrático, no limite da possibilidade do marketing político e da exposição midiática de lideranças. Por diversas motivações, é cada vez mais perceptível o aumento no número de pesquisadores que passam a se apropriar das teorias da comunicação, da política e do discurso como forma de olhar o mundo e, de modo especial, quando este discurso ocupa um lugar de fala sob a perspectiva da política.

Pela lógica laclauiana, a interpretação deve ser dada não como algo fechado e normativo, mas enquanto possibilidade de sentido, em que a articulação e a demanda de um grupo têm sua origem a partir das experiências populistas muito mais propensas a falhas e erros, do que aos acertos. O populismo assume a possibilidade de fissurar o sistema político, pela reivindicação a uma ordem estabelecida, que divide a sociedade em dois polos ou movimentos ambíguos e contraditórios, que podem se cristalizar. “(...) o populismo se apresenta como subversivo (...) para uma reconstrução mais ou menos radical de uma nova ordem sempre que a ordem anterior foi abalada.” (LACLAU, p. 255).

Esperamos instigar a reflexão sobre a política e o político, especialmente em tempos de crise, a partir do viés transdisciplinar de áreas do conhecimento que, na contemporaneidade, promovem o diálogo a partir das Ciências Sociais, neste caso entre a Comunicação, a Política e a Teoria do Discurso. Esse espaço entre Mídia e Política, torna-se fundamental para a compreensão do campo político atual ao pensar sobre as relações sociais e as transformações articuladas pelos sujeitos no jogo político. Negar a dimensão discursiva da política, seria o mesmo que reduzir-se a análise de meras constatações sobre aspectos institucionais e instrumentais da política, que se revelam importantes, mas, que não tratam da precariedade da política no jogo contemporâneo da democracia. “Em uma sociedade como a nossa, uma grande parte dos discursos se expressa na escrita, mas também há importantes discursos visuais, desde as manifestações artísticas até a própria moda.” (PINTO, 2006, p. 79-80).

Nesse caminho tomamos a discursividade midiática como espelho para a identificação de marcas discursivas de populismo no sentido que lhe emprega Laclau (2013) e que não tem a dogmática definição da tradição clássica que o senso comum conhece. No sentido mais lato da interpretação que se possa dar a Laclau, o populismo é antes uma forma de expressão do povo, da “*plebs*” que reivindica ser o “*populus*” (2013, p. 140) e não um discurso com características em geral demagógicas reconhecidas nos proferimentos de lideranças políticas no espaço público, quando se dirigem às massas.

A produção laclauiana ocorreu predominantemente na Universidade de Essex, onde Ernesto Laclau se radicou, concluiu seu doutorado e desenvolveu sua teoria. Essex tornou-se um centro de referência que acolhe estudantes do mundo todo com interesse no desenvolvimento de análises e estratégias que envolvem o discurso. Em parceria com a Belga, Chantal Mouffe, Laclau lançou uma das principais obras de sua carreira “Hegemonia e Estratégia Socialista” (1985), em que aprofunda o conceito de discurso, obra traduzida para o português somente 30 anos mais tarde, em 2015. Apesar da parceria na vida pessoal, Laclau e Mouffe passam a trilhar caminhos teóricos diferentes, enquanto Laclau apropriou-se da ideia política condicionada à constituição de um “inimigo” (antagonismo), Mouffe compreende essa ideia sob a ótica e constituição de um “adversário”

(Agonismo). Conceitos como estes recheiam o espaço de investigação que ambos fazem sobre formas diferenciadas de enxergar e perceber o fenômeno político do populismo.

Uma das maiores dificuldades de inserção da teoria laclauniana no Brasil, passou pela demora e tradução de suas obras. À análise do discurso laclauniano passou por um amadurecimento e evolução intelectual que nasce na linguística de Ferdinand de Saussure e buscou razões no pensamento estrutural de Claude Lévi-Strauss. Várias foram as suas fontes para a evolução do pensamento questionador que chegasse à análise do discurso como “uma teoria dos sentidos, das significações”. (PINTO, 2006, p. 80).

Ernesto Laclau toma a estrutura discursiva¹⁷ pela ontologia do social, marcada pela constituição de um inimigo, pelo discurso antagônico e a contingência das identidades. Isso coloca a emergência de muitas outras identidades, que podem ser hegemônicas num processo de articulação, no processo de formação do discurso e disputa pelo significado da realidade. (LACLAU, 2015). Suas categorias colaboram no sentido de questionar sobre a(s) verdade(s) do mundo globalizado, o poder de convencimento e de incompletude.

Cada posição, no interior do discurso, constitui um jogo político de construção e de desconstrução de possibilidades, figurados pela lógica da equivalência e da diferença. “Em suma: o discurso é uma tentativa de fixação, é uma busca de êxito nesta fixação, mas esta fixação, por mais exitosa que seja, é uma fixação provisória, por mais tempo que ela dure, é arbitrária, ou seja, nada garante que ela será obrigatoriamente assim.” (PINTO, 2006, p. 82).

Estas construções teóricas, dão a proporção do debate que podemos empreender sobre o populismo laclauniano. Desde o reconhecimento e identificação, igualmente na compreensão de categorias, que ideologicamente ou não, transitam pelo imaginário e se estabelecem como verdades, pelo simples uso da linguagem, como é possível acompanhar em trabalhos como os de Donot e Pordeus (2012), quanto a análise dos discursos políticos. Pela visão desses

¹⁷ (...) é uma *prática articulatória* que constitui e organiza as relações sociais. (LACLAU, 2015, p. 167).

autores, esses fenômenos representam em tese, uma nova realidade latino-americana, enquanto etapa e consolidação da democracia participativa, devido a ascensão de lideranças esquerdistas, como Lula. Seria assim, um reflexo representativo do povo no poder, mas, que não passa de uma construção do imaginário que, com mais frequência tem constituído a sociedade.

O campo da mídia tem articulado tentativas de apreender a realidade social, muitas vezes de maneira incompleta, mas, sempre sujeita a interpretação e o livre arbítrio dos seus leitores e expectadores que as interpretam como sensacionalistas, deformadoras de opiniões e a serviço da descontextualização dos fatos. Mas, qual a instância de poder que daria tamanha transparência e espaço para a denúncia e ação, pelo direito democrático à informação, senão a mídia. Nesse sentido, Charaudeau (2005), toma o discurso como propagandista e contextualiza que o objetivo de se fazer crer e colocar a instância de recepção em posição de dever crer, só ocorre em acordo com um duplo esquema cognitivo, narrativo e argumentativo. Para demonstrar esse sentido temos a reportagem do site GGN¹⁸, que induz à uma leitura displicente do Lulismo, já que sugere que o seu Discurso é Camaleônico e não deixa marcas explícitas sobre a tendência de um Lulismo voltado para a direita. Por outro lado, se fortalece pela retórica do *Ganho real*, a favor dos pobres. Na mesma linha Maingueneau (1998), e Eni Orlandi (2001), tomam o sujeito na instância de *interpretante*, portanto, em uma posição de recepção e sujeito do discurso, que pode dar conotação e propagar discursos de ódio, bem como conspiradores, uma realidade contumaz da política, o que não é algo só da contemporaneidade.

Sobre uma reportagem de 2012, "*Lula brilha no exterior, mídia dissimula*"¹⁹, o colunista Juremir Machado da Silva (2017), lida com o imaginário e a tradição dos seus estudos sociológicos, tratando da popularidade do então presidente,

¹⁸ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/o-discurso-camaleonico-do-lulismo/>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

¹⁹ Disponível em: <https://blogs.correiopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2012/11/3528/lula-brilha-no-externo-midia-dissimula/>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

enquanto uma marca histórica, tratando claramente, sob o viés do diferencial, entre todos os outros governantes.

Brevemente, nos desafiamos a identificar marcas, diferentes, para abordar o fenômeno do populismo midiáticas por diversos meios de informação e divulgação no Brasil, e que sustenta uma particularidade do populismo em sua forma discursiva social, especialmente, nas gestões dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003–2011) Lula e de Dilma Vana Rousseff (2011–2016), ex-presidentes do Brasil por dois mandatos cada um, e que souberam fazer sentir demandas populares com a força de atendimento social mais facilmente sentidas após os seus governos ou mais precisamente desde o começo do desgoverno do último mandato de Dilma Rousseff, conforme uma hipótese inicial de pesquisa. A nós parece bastante visíveis as projeções populares que se fizeram sentir entre as diferentes representações sociais em movimentos de rua, sensivelmente reclamavam o caráter populista que já não reconheciam na liderança do Planalto e nos rumos do País.

Tomamos esta contribuição, na perspectiva de nossa pesquisa, mais um avanço na área de mídia e política no Brasil. Conforme Laclau, descrevemos o populismo em sua forma discursiva desde onde ele se manifesta, nas demandas populares e vimos como este populismo pode ser midiático, nas narrativas contemporâneas em sites e, nas demais mídias. Reforçamos a fundamental importância desta oportunidade de reflexão ao debate na contemporaneidade, e, de espaço investigativo, para variados aspectos e possibilidades, em que ocorrem os fenômenos da política.

Portanto, temos o populismo como uma forma de fazer política, exercer o poder e a partir disso, gerir o Estado. Pelo povo e pela urgência nas demandas sociais, os governantes precisam exercer sua sensibilidade em nome dos cidadãos que estão a parte e a margem da sociedade, pois, quase não são vistos. O enquadramento midiático do populismo quase sempre soa como uma discussão sobre as margens: sobre forças externas à política “normal” ou “racional” que ameaçam desequilibrar o status quo. Mas o discurso acadêmico deixa claro que é inverso: que o populismo é inerente à democracia e,

especialmente, à democracia como a conhecemos no Ocidente contemporâneo. Ela encontra a vida nas rachaduras — ou mais tardiamente, nos abismos — entre as promessas da democracia e a impossibilidade de sua plena e permanente realização.

Considerações

Nesse breve caminho, que traçamos a partir de recortes históricos, da visão contemporânea da democracia, dos fenômenos que tomam a sociedade como o populismo, o lulismo e por referências de pensadores, filósofos e teóricos políticos, nos desafiamos a contextualizar algumas categorias e elementos para pensarmos sobre o político e a política. Como vimos, algumas lições clássicas corroboram no sentido de refletir a contemporaneidade e nos instrumentalizam para o desenvolvimento das reflexões acerca da mídia e da política.

Elementos como a contingência e a precariedade turvam a imagem que deveríamos ter sobre a política. A política, por sua vez, se (re)constitui pela busca infinita em resolver as demandas da sociedade, a fim de promover a mudança pelo bem de todos. Porém, o sujeito político, preocupa-se em acumular um capital, executar ao seu modo a resolução dessas demandas, que se esvaziam por articulações meramente retóricas e que se transformam muitas vezes em simples possibilidades. Nessa relação, o representante reativa novas formas para se articular, politicamente, e assim, construir sentidos e a própria compreensão dos fenômenos que ocorrem nas democracias representativas, capazes de significar tudo e nada ao mesmo tempo, afinal, como escreve Rancière (2018, p. 56): “A política não é feita de relações de poder, é feita de relações entre mundos”.

Notadamente, estamos de fato diante da revolução do pensamento, das novas formas de pensar a política e de conviver em uma comunidade política. Portanto, as novas formações discursivas, difundidas pela mídia, não apenas favorecem a sociedade para condições possíveis de diálogo, como possibilitam relações permanentes entre os sujeitos políticos e a sociedade, no sentido de facilitar e cobrar a transparência, identificar as formas de exclusão e as

(sub)estruturas que colocam com os marginalizados pela sociedade, justamente aqueles que mais necessitam de apoio.

Pensar a lógica da política e do político, nos provoca, diante dos fenômenos, a refletir e pensar sobre as relações de conflito e as constantes instabilidades do momento. Maquiavel, o pai da política moderna, deixou lições que, ainda hoje, ajudam a interpretar a política como forma de promover a estabilidade do Estado, perceber a centralidade do poder social e político, bem como a manutenção da própria política. Portanto, enquanto pesquisadores e cientistas sociais, nos cabe observar os acontecimentos e a política conforme ela é, considerando o viés cultural, suas articulações e principalmente, estar cientes sobre as demandas e as necessidades do povo. Os instrumentos teóricos e filosóficos, possibilita ler e nos apropriar de qualquer discurso rebuscado ou tortuoso, que possam nos censurar ou ameaçar a própria democracia.

É preciso perceber que a construção política pelo discurso populista surge do nada, não está em uma base de formação ou em um lugar, mas na elevação e importância das demandas, numa condição discursiva e qualitativa para surgir. Segundo Laclau "(...) trata-se de produzir o vazio a partir da operação da lógica hegemônica. Para mim, o vazio é um tipo de identidade, não uma localização estrutural." (LACLAU, 2013, p. 242). Para o autor a construção hegemônica indica o poder, o processo de representação democrática.

Na democracia qualquer cidadão pode chegar ao poder, mas este poder é personificado, natural e também repostado mediante uma construção do vazio com a ausência do representado, inerente a forças políticas que se apoderam das demandas populares. Estas demandas surgem constantemente, por meio de uma variedade de categorias com reivindicações pontuais. Mas, se por um lado é importante para a democracia a emergência e variedade de demandas, por outro, cabe salientar que, se estas demandas não são traduzidas em projetos de mudança por parte daqueles que representam o Estado, elas não se tornarão políticas e serão diluídas.

Para Laclau a democracia é a construção da vontade popular, não se trata de um regime político. A partir desta ideia é relevante compor projetos políticos

de longo prazo, planejar objetivos políticos para mudar as coisas e levar em conta à ética, o cinismo e também considerar que o “politicamente correto” não é nada mais do que um discurso, muitas vezes em nome de grandes causas e na defesa de direitos particulares.

Em suma, os interesses do coletivo e do imaginário popular nem sempre estão acima dos interesses daqueles ligados ao poder, de modo que, se for necessário sacrificar, repetidamente, aqueles que estão a parte da sociedade, a fim de dar sustentação a um determinado modelo econômico, o governante não hesitará em fazê-lo. Por isso, a busca de legitimidade política a partir do voto, e, com o populismo não é diferente, afinal esse fenômeno só existe porque há eleições reais e legais. A questão do populismo, está intrinsecamente ligada com o tipo de democracia que desejamos, somada a ideia que sempre e infinitamente estaremos discutindo sobre a política, seus fenômenos e as relações de poder. Sem dúvida temos uma névoa que paira sobre o populismo, que provoca debate, conflitos e defesa de interesses e que fazem parte do jogo da política.

Retomar a categoria populismo, a partir de diferentes vieses teóricos, torna-se necessário pelo avanço da própria vontade popular, pois, trata-se de uma forma de construção dessas vontades coletivas. O povo do populismo, numa visão pós-estruturalista laclauniana vem se reestruturando e se articulando, a exemplo do partido político *Podemos* na Espanha e do Syriza, na Grécia, que defendem o caminho contrário das políticas liberais, o que significa observar o poder que emana de baixo para cima, portanto, representa o aprofundamento da democracia, bem como a percepção básica de que nunca podemos saber com exatidão para onde os regimes, como a democracia, poderão nos conduzir devido o momento, a precariedade e a contingência.

Referências bibliográficas

CHAIA, V.L.M.; CHAIA, M. *Mídia e Política*. São Paulo: EDUC, 2000.

CHARAUDEAU, P. Les médias et l'information: l'impossible transparence du discours. Bruxelles: De Boeck, 2005.

DONOT, M. & PORDEUS RIBEIRO, M. Discours politiques en Amérique latine. Représentations et imaginaires. Paris: L'Harmattan, 2012.

FERREIRA, Fábio Alves. Para entender a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau. Revista Espaço Acadêmico, nº 127, Dez. 2011.

GRAMSCI, Antônio. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Tradução de Luiz Mário Gazzane. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988 (Série Política e Perspectiva do Homem, v. 35).

GROPPO, Alejandro José. Los dos príncipes: Juan D. Perón y Getulio Vargas: un estudio comparado del populismo latinoamericano.. 1.ed. Villa Maria: Eduvim, 2009.

LACLAU, Ernesto. A Razão Populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

_____ e MOUFFE, Chantal. Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LOPES, Alice Casimiro e MENDONÇA, Daniel de (Orgs.). A teoria do discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas. São Paulo: Annablume, 2015.

SILVA, J. Machado da. O que é o imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios de procedimentos. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PINTO, Céli Regina. Elementos para uma análise do discurso político. Revista Barbarói. UNISC, n. 24, 2006/1. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>. Acesso em: 28 de mar. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. O Desentendimento: política e filosofia. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SINGER, André. Os Sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O Lulismo em Crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOMMA NETO, João. Mídia e Política: caminhos cruzados. Curitiba, PR: UFPR, 2011.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

Veja a íntegra do discurso de Lula após denúncia do MPF. <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/veja-a-integra-do-discurso-de-lula-apos-denuncia-do-mpf/5309023/>. Acesso em: 14 de agosto de 2019.